SEMPRE PRONTO

Mensário Escotista • Agraciado com o "Lis de Prata" da Assoc. dos Escoteiros de Portugal

AVENÇA

ANO XXX

DEZEMBRO DE 1974

N.º 356

Avulso Esc. 5$00

Comp. e imp.: Livraria Cruz — Braga • REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO Trav. Vitorino de Freitas, 9 — LISBOA-3 — Telef.: 636607

O XXX Aniversário de «Sempre Pronto»

No próximo mês de Janeiro, completa «SEMPRE PRONTO» 30 anos de existência!

Tal facto, invulgar nas lides da imprensa escoteira, enche-nos de orgulho, mas também nos dá consciência das responsabilidades que assumimos perante o nosso movimento e todos os nossos colaboradores e amigos.

Temos uma noção correcta das nossas limitações e, por conseguinte, sabemos quão precária é a vida deste jornal, sujeita a problemas muito complexos, devido à limitação dos meios materiais e sobretudo humanos de que dispõe.

No entanto, com sacrifício e mercê das boas vontades que se nos deparam, prometemos continuar, à espera de dias melhores. Assim, não queremos deixar passar esta data festiva sem a assinalarmos convenientemente, embora sem formas espectaculares, porque elas estão acima das nossas possibilidades e inadequadas nos tempos que se atravessam.

Vai «SEMPRE PRONTO» comemorar estes 30 anos de vida singelamente, mas de uma forma que julgamos não ser menos simbólica. Assim, podemos anunciar que o próximo número será especial.

Ainda um outro ponto do programa comemorativo do nosso aniversário será dirigido aos escoteiros portugueses. Esperamos que o nosso movimento corresponda ao que dele esperamos, dando assim prova da sua vitalidade e da sua capacidade de acção.

Trata-se de um concurso sob o tema A DEFESA DO MEIO AMBIENTE, em que são convidadas para participar todas as unidades escotistas e guidistas portuguesas.

Para tomar parte neste certame, devem os grupos levar a efeito qualquer actividade colectiva que possa ser integrada no programa de defesa do ambiente. Com esta iniciativa, procura «SEMPRE PRONTO» fazer com que o nosso movimento vá dando os primeiros passos numa actividade que está a prender tanto a atenção e o trabalho dos escoteiros e guias de todo o mundo, como é o da defesa do ambiente.

Convidamos as unidades interessadas nesta actividade a consultarem os n.os 302, 303 e 304 de «SEMPRE PRONTO» (de Junho, Julho e Agosto de 1970), onde encontrarão sugestões de muito valor para actividades deste género.

Continua na pág. 7

NATAL

O povo hebreu, reduzido à servidão que lhe fora imposta pelos romanos, há muito que aspirava a libertar-se desse humilhante domínio, opróbrio para uma nação ciosa de tradições fortemente arreigadas e da preponderância que as suas convicções religiosas lhe outorgavam. Por isso, a vinda do prometido Libertador era esperada, com ansiedade, sim, mas também com aquela calma e resignação com que se atende um evento de cuja realidade não é admissível duvidar-se. O Libertador havia de chegar e com ele seriam quebradas as cadeias da servidão e da ignomínia. Era essa a fé de todo um povo que, no dizer do Profeta, andava mergulhado em trevas densas.

Eis que, enfim, surge o dia anunciado: na pequena Belém de Judá, na escuridão da noite, raia a poderosa luz. O Messias chegara! O povo tinha finalmente com ele o seu Príncipe poderoso, o Rei forte anunciado por todos os profetas!

Mas, ó céus! esse povo tão interessado no cumprimento da promessa divina, não reconhecia o seu Libertador.

Quando se dá a satisfação de um desejo longo e pacientemente esperado, acontece, por vezes, iludirem-se os sentidos, os quais, desconfiados ou confundidos pela saciedade subitamente oferecida, não dão conta da saborosa realidade. Com os judeus ocorria, porém, um fenómeno de espécie muito diferente. Tratava-se de uma nação endurecida por anos infindos de expectativa. Todas as suas aspirações se tinham, a pouco e pouco, voltado para o imediato, para a satisfação do apetite passageiro, para o gozo egoísta do comodismo quotidiano, para a realização de interesseiras maquinações, para a admiração do comezinho. Era um povo com sonhos sem verdadeira grandeza.

Assim, não era de surpreender que a Pedra angular, sobre a qual se ergueria o enorme edifício da Redenção de todos os Homens, incompreendida, fosse rejeitada, na mais pungente prova de ingratidão. Estava cabalmente demonstrado que essas gentes apenas se debruçavam sobre os problemas de um nacionalismo estéril, perdido que fora o senso da sua vocação.

É certo que ocorriam sinais prodigiosos, como a quererem despertar a sensibilidade embotada dessa gente: os cegos viam, os coxos andavam, os leprosos eram purificados. Todavia, tais sucessos eram insuficientes ante a onda de incredulidade, pelo que bem pouco contavam para quem pusera o coração em efeméras resoluções, embora adornadas por cintilantes ouropéis.

Todas as vezes que o Homem volta, desenganado, das miríficas regiões concebidas pela sua imaginação exacerbada, mas nem sempre esclarecida, e é levado a confrontar-se com o sólido edifício do que é Eterno, reconhece então a loucura das suas divagações e a miséria da condição a que elas o conduziram. Compreende, nessa altura, a magnificência de algo que está acima das próprias gloríolas, daquilo qu não

Continua na pág. 7

«SEMPRE PRONTO» apresenta a todos os seus amigos — Assinantes, Colaboradores e Leitores — votos muito sinceros de Feliz Natal e de Ano Novo de paz.

O PROGRAMA ESCOTISTA—5

(Continuação do n.º 354)

Por CARL A. LINSTÉN

Avaliação

Baden-Powell exprimiu algumas preocupações sobre a rigidez do sistema do programa (provas e especialidades) e do relevo dado às avaliações uniformes. Alguns tiveram iguais preocupações e sublinharam, como dissemos, o facto de que as variações individuais de idade, de capacidade e de interesses não foram tomadas na devida conta. As provas são, geralmente, avaliadas segundo as mesmas normas e as pontuações semelhantes para todos os escoteiros.

Portanto, o princípio de avaliações únicas é evidente que não foi só rejeitado por Baden-Powell, mas também nos novos programas, visto que uma organização educativa como o escotismo deve ter em conta as variações individuais de capacidade e de aptidões. Os resultados não se podem medir segundo normas absolutas («os mesmos para todos»), mas devem basear-se sobre objectivos fixos e individuais («um escoteiro inteligente deve saber fazer melhor que um outro escoteiro menos dotado»).

Saliente-se nos novos programas, por exemplo, as medidas seguintes, que foram adoptadas com a finalidade de reduzir o emprego de avaliações absolutas a favor das individualidades:

— *A norma é que o rapaz faça o seu melhor.*

— *Vontade acima de capacidade.*

— *Avaliações feitas sobre o próprio assunto. Vários dos novos sistemas dão exemplos de avaliações efectuadas de mais de uma maneira. Nuns casos, é o próprio escoteiro que os estabelece, noutros, são estabelecidas pelo escoteiro e pelo seu chefe, seu conselheiro, ou pelos pais. Na Grã-Bretanha, por exemplo, é o conselho executivo de uma unidade de* Venture Scouts *(caminheiros) que fixa o processo de avaliação para cada membro da unidade.*

— *A participação activa ou a experiência adquirida utiliza-se muitas vezes como critério (o que corresponde também à insistência sobre o relativo em lugar de sobre a capacidade).*

Num caso, pelo menos, a «passagem formal» das provas foi abolida. Contudo, mesmo neste caso, mantiveram-se as avaliações absolutas quando elas se mostram indispensáveis por razões de segurança (a natação, para os escoteiros marítimos, por exemplo).

O acordo pessoal de desenvolvimento é um elemento permanente que interessa ao novo programa dos *Boy Scouts of America*: o escoteiro e seu chefe avaliam os resultados obtidos por este último e fixam novas metas a atingir durante o período que decorrerá até ao novo acordo pessoal de desenvolvimento.

Formação social (provas ou trabalhos de Grupo)

Habitualmente, a formação social (ou formação em grupo) estava facilitada graças ao sistema de patrulhas e a formação individual através do sistema de programa (provas e especialidades). Contudo, como se frisou, a ênfase foi dada, nos novos programas e de uma forma geral, ao desenvolvimento das relações sociais, e isso em larga medida. Uma das numerosas consequências da adopção deste objectivo foi a introdução, nos novos programas, de exigências de carácter colectivo (provas ou tarefas a executar). Enquanto antigamente o escoteiro se preparava sozinho para provas ou especialidades, muitas dessas provas exigem agora que uma parte do trabalho seja feito com um camarada, com outros membros da patrulha ou dentro de um agrupamento temporário.

Iniciativas

As iniciativas constituem um dos elementos mais significativos dos novos programas que se destinam a estimular a formação e/ou o trabalho em grupo. Foram elaboradas, em primeiro lugar e antes de tudo, pela associação francesa e consistem em projectos de conjunto escolhidos, desenvolvidos e levados a cabo pela patrulha no quadro do grupo. Um certo número de grupos, que tenham provisoriamente os mesmos interesses, podem ser formados durante a realização de uma «iniciativa» por meio de chefes provisórios, relacionando-se os trabalhos directamente com as provas e as especialidades.

Participação nas decisões e na planificação do programa

Os jovens têm hoje claramente tendência para exigir dos adultos o direito de dizerem a sua palavra nas questões que lhes dizem respeito. Visto que no programa escotista sempre se preconizou aquilo que Baden-Powell denominava auto-educação, que consiste principalmente em confiar as responsabilidades aos jovens, não surpreende que os novos programas abram cada vez mais possibilidades neste sentido. Os escoteiros tomam uma parte cada vez mais activa na planificação e execução dos seus próprios programas, onde se lhes dá também os meios de exprimir a sua opinião e de os fazer participar nas decisões dos problemas que lhes dizem respeito.

A plena utilização do conselho de guias foi normalmente recomendada nos novos programas e previu-se a realização de conselhos de guias e de fóruns escotistas ao nível de distribuição ou no âmbito nacional como adendas permanentes aos novos programas.

Igualmente se frisou que a insistência acerca da participação activa dos escoteiros está perfeitamente concorde com o objectivo do escotismo que consiste em desenvolver certos caracteres, como sejam o de independência, o sentido da responsabilidade, o espírito de iniciativa, a criatividade e o espírito analítico e crítico. Sublinhou-se também que, na preparação activa para a vida na sociedade adulta, convém ligar a maior importância às possibilidades que se oferecem aos escoteiros de tomar parte activamente na planificação e na execução dos programas no mundo modelo do escotismo.

(Continua)

Trad. de *Rui Fernando da Fonseca*

A UMA CIDADÃ QUALQUER

Não negues, confessa
que tens certa pena
de teres nascido
na «terra morena».
Pois eu não gostava
(parece-me a mim)
que fosse teu berço
Moscovo ou Pequim!
A Grândola excelsa
devido à canção
é irmã de Faro,
irmã de Monção,
pois de Sul a Norte
em tudo tu vês
a nossa maneira
de ser português.

E. M.

A conservação e defesa do meio ambiente e uma relação de publicações escotistas

— Duas novas edições da Secretaria Mundial

A Secretaria Mundial do Escotismo, de Genebra, acaba de publicar duas novas brochuras.

A primeira, *Conservation Information Centers*, publicada em cooperação com o Fundo Mundial para a Natureza (WWF), mostra como numerosos campos que dizem respeito aos escoteiros podem tornar-se testemunhos vivos do verdadeiro êxito na protecção do meio ambiente. A brochura, unicamente em inglês por enquanto, tem 44 páginas ilustradas (n.º 805-3-1. Preço: 4,5 francos suíços, 1,5 dólar US, ou £ 0,65 cada exemplar, com porte pago). Desconto de 40 % para associações, depósitos de material escotista e centros de formação, em encomendas de 10 ou mais exemplares.

A *Relação Internacional de Periódicos Escotistas*, a outra brochura editada, oferece uma lista de mais de 200 boletins e revistas escoteiras importantes e dá indicações precisas sobre o título, endereço, periodicidade, preço da assinatura, tiragem, língua e género de leitores a que é dedicado. Em inglês e francês. Indica também os periódicos por especialidade (escotismo de extensão, lobitismo, filatelia escotista, etc.).

A edição provisória (pois aguarda-se dos interessados todas as informações para ser organizada uma edição definitiva) custa 9 francos suíços.

OS BRINQUEDOS DE GUERRA

(Conclusão do número anterior)

Já repararam que raros são os «heróis» militares que encontram em toda a parte a mesma admiração? Evidentemente que um francês elevará sempre a alturas inacessíveis o seu culto por Joana d'Arc: mas um inglês não tem as mesmas vistas quanto à Pucela, que Voltaire ridicularizou num poema célebre. Nós não nos cansamos de exaltar a Nun'Álvares, enquanto os nossos vizinhos não nutrem por ele a menor parcela de simpatia. Um polaco entra em transe ao falar do seu heróico Kosciusko, mas um russo considera-o pura e simplesmente um rebelde, como rebelde consideram os Espanhóis a Bolívar, que todo o sul-americano tem na conta de «Libertador».

E no entanto, em qualquer país civilizado de qualquer cor é unânime a admiração pelos homens que puseram a sua vida ao serviço da Humanidade, ficando inutilizados para sempre, ou chegando mesmo a perder a vida no decurso de experiências ou devido às consequências destas. Não serão mais eloquentes e dignas de admiração de todos as palavras tragicamente serenas do capitão Scott, quando, encerrado dentro da tenda de onde sabia não voltaria senão morto, escrevia, com os olhos já turvos pelo véu da morte: — «Sentimo-nos cheios de fraqueza, é difícil escrever, mas pelo que me diz respeito não lamento esta viagem, que demonstrou que os Ingleses sabem suportar as dificuldades, ajudar-se uns aos outros e encarar a morte com a mesma serenidade como jamais o fizeram no passado» — do que as que orgulhosamente Júlio César enviou ao Senado depois de ter alcançado rápida vitória sobre o rei do Ponto: — «Cheguei, vi e venci»?

Não, meus Amigos. Diga-se o que se disser, o culto dos heróis, tão exaltado por Carlyle e tão disseminado por esse mundo, muito em especial entre os povos latinos, não contribui para a formação do carácter do jovem, porque lhe dá uma noção erradíssima acerca da missão do Homem e da solidariedade dos seres humanos. Nascido duma admiração filha do temor por parte dos mais fracos que um dia viram um forte vencer, por boas ou malas-artes, um antagonista, foi ele a pedra sobre que ergueu o seu trono o primeiro rei, e o seu domínio o primeiro nobre. Tal concepção briga com os princípios de todas as grandes religiões fundadas em preceitos de ética, mas briga acima de tudo com os ditames da sã razão que impõe uma colaboração fraterna entre os terrícolas, desde tempos imemoriais votados ao gosto pela guerra.

Já o inesquecível Baden-Powell procurou aproveitar esse «instinto combativo» que subjaz à nossa personalidade, desviando-o para práticas altruístas, sem, infelizmente, o ter conseguido, como a II Grande Guerra veio tragicamente demonstrar. Se os rapazes da minha geração e das que vieram depois tivessem, em todos os lugares aonde chegaram os ensinamentos e a palavra quente do Fundador, recebido dos seus chefes aqueles princípios que enformam o Escotismo, o Mundo não teria assistido ao grande cataclismo que sobre ele caiu nesses seis anos horríveis que começaram com o selvático bombardeamento de Varsóvia e terminaram com a apocalíptica destruição de Hiroxima e de Nagazáqui.

Dizia o grande homem que foi o P.e António Vieira, que a guerra é «aquele monstro que se sustenta de fazendas, do sangue, das vidas, e quanto mais come e consome, tanto menos se farta». A guerra não é, de modo algum, aquele mal necessário que certos ideólogos admitem e defendem, antes é de todas as monstruosidades cometidas pelo inquieto espírito do Homem a maior e a mais odiosa. Filha do orgulho e da ambição, ela tem de se banir um dia da face da Terra —, e a humanidade futura, atingido esse elevado nível de civilização *moral*, de que nós, infelizmente, estamos ainda muito longe, não deixará de se sentir horrorizada sempre que se curve sobre os livros de história em que se narrem os «feitos» dos reis do Egipto, da Assíria, da Pérsia, dos países asiáticos, dos conquistadores romanos, dos truculentos senhores feudais, dos cruzados, dos capitães de Maomé, dos sultões osmanlis e otomanos, dos generais de Carlos V, dos de Filipe II, dos de Luís XIV, de Napoleão I e de todos os que vieram depois até aos nossos dias. E que dizer dos nossos próprios heróis, que, com excepção de Nun'Álvares (talvez o mais puro de todos) se mostraram sempre sanguinários e violentos? Quem ler, despojado previamente de todo o prurido nacionalista, sempre desvirtuador, a *Crónica da Guiné* de Gomes Enes de Zurara, terá ocasião de verificar como os marinheiros e capitães henriquinos se comportavam nos seus contactos com os indígenas da costa da Mauritânia até ao Senegal, embora o cronista cortesão se esforce por demonstrar que tais actos se encontravam dentro da ética cavalheiresca, ainda dominante na época. Ninguém, razoavelmente lido na nossa história ultramarina, ignora quais foram os actos de crueldade fria praticados por Afonso de Albuquerque quando seguia ao longo da costa da Arábia à conquista de Ormuz, antevisão da moderna política de terror preconizada pelos ditadores do nosso século. No assalto a Malaca praticaram os capitães e soldados portugueses tais barbaridades, que séculos depois

Continua na pág. 7

Região Centro

CONSELHO REGIONAL

Por decisão do chefe regional e dos chefes de grupos, passou a efectuar-se mensalmente um «conselho regional» para deliberar e discutir problemas regionais e actividades.

O conselho regional reúne na primeira terça-feira de cada mês, às 21 horas, na sede da Associação, no Cais do Sodré.

SEDE REGIONAL

Por acordo dos chefes de grupo, em reunião efectuada no dia 4 de Novembro p. p., foi decidido que a sede regional, até agora sem local fixo, passaria a funcionar nas instalações dos Serviços Centrais de segunda a sexta-feira, entre as 18 e as 22 horas, em que estará de serviço um chefe com o fim de informar sobre todas as actividades da Região.

Para que finalmente a Região Centro comece a trabalhar com a regularidade necessária ao bom funcionamento conjunto dos grupos de escoteiros, é de esperar que a Direcção da A. E. P. colabore com a decisão dos chefes autorizando a instalação da sede o mais rapidamente possível.

CÍRCULO DE CAMINHEIROS

Está a tomar razoável incremento o Círculo de Caminheiros, o qual reúne todas as quintas-feiras nos Serviços Centrais da AEP, das 21 às 23 horas.

Este Círculo é aberto a todos os caminheiros e chefes, tendo já sido efectuadas algumas actividades de montanhismo na serra de Sintra.

CURSO DE LOBITISMO

A Região Centro levou a efeito, sob a direcção do chefe A. Inácio, um curso de preparação para chefes de Alcateia, que decorreu em Carcavelos durante os dois primeiros fins-de-semana de Novembro.

Neste curso, participaram quinze pessoas que ficaram, na sua maioria, albergadas na sede do Grupo n.º 16, daquela localidade onde foram servidas as principais refeições, em verdadeiro ambiente escotista.

Em parte prática, foram postos em acção alguns ensinamentos colhidos no curso, durante os dois últimos domingos de Novembro, em que os chefes trabalharam conjuntamente com lobitos dos Grupos n.os 8, 12, 14, 16, 19 e 94, numa actividade de campo e numa visita cultural que abrangeu o Aquário de Vasco da Gama, Torre de Belém e Museu de Marinha.

Já estão marcadas actividades semelhantes para o início do próximo ano.

A. I.

Escoteiros gibraltinos visitam Lisboa?

Por informação do Grupo n.º 2, crê-se que um numeroso grupo de escoteiros de Gibraltar visitará Lisboa dentro em breve.

Este grupo de Gibraltar participou este ano no acampamento em Inglaterra, onde confraternizou bastante com escoteiros do 2.

Seria interessante que os escoteiros dos grupos de Lisboa pudessem receber condignamente aqueles camaradas se a sua visita vier a concretizar-se.

VOLTAIRE E DEUS

Creio ser bastante conhecido o caso, que se diz verídico, de certo dia Voltaire, o grande sarcasta francês — e universal, diga-se — ao passar por um templo em Paris, na companhia dum amigo, talvez para não ofender este, tirou o chapéu. O amigo quis ombrear em zombaria com o seu famoso companheiro e disparou-lhe esta pergunta: «Com que então já estás bem com Deus?» ao que Voltaire terá respondido: «Cumprimentamo-nos, mas não nos falamos».

Em geral só se repara na surpreendente saída, como galhofa superficial pelo despropósito. Pois amigos, há aí muito que aprender, acerca de Deus falar ou não aos homens, e vice-versa. Ora vejamos: Deus saúda toda a Sua Criação, de mil modos, desde as cores da rósea alvorada até às do ocaso cor de pérola; no Arco Íris e nas auroras boreais, e nos raios de sol por cima das nuvens, tornando-as de prata, espectáculo de maravilha que por vezes se goza ao voar; ou o sol incidindo na neve alvíssima das montanhas e nas cordas de chuva hibernais, nos rebentos e nas flores da Primavera, desde a minúscula queiró até à gigantesca vitória-régia, assim como nos pomos e nas folhas secas do Outono: nas estrelas em noite escura, florões de ouro cravados no azul ferrete; nos arabescos de beleza geométrica que o microscópio revela nos cristais; nos variegados peixes, de cores inesperadas e formas que diríamos barrocas, nadando em águas profundas, nos horizontes que falam por Deus, e de Deus.

Mas quão pouco disse de tanto que vi, e afinal bem pouco vi! A plumagem da ave-do-paraíso, ou do colibri infatigável, minúsculo embaixador furta-cores da alegria de viver, passarinho menor do que os lepidópteros tropicais, de asas belíssimas, vítimas do artesanato turístico, de que a poisa-loisa alentejana, borboletas e mariposas, são as parentes-pobres!

Vão-se-me os olhos em toda essa formosura que fala, isto é, com que Deus nos fala: mesmo fala a quem não conheça os Textos que registam longos e profundos diálogos com Deus a par da experiência dos nossos avós, como livro a um tempo humano e divino. Na Bíblia nos fala Deus; e Voltaire a conheceu e subestimou, anunciando que (mau profeta foi!) dentro dum século ninguém se ocuparia dela. Morreu ele no terceiro quartel do século XVIII, e ia já adiantado o século XIX quando, na casa que habi ara, em Genebra, uma tipografia multiplicava os exemplares bíblicos. No século XX está vertida a Bíblia, no todo ou em parte, em 1500 línguas; e um excepcional pintor russo, octogenário, Marc Chagall, residente em França, cuja «Mensagem Bíblica», por ele mandada construir num bairro de Nice, exclusivamente para os seus numerosos quadros, gravuras e desenhos inspirados nos textos bíblicos, «lugar de recolhimento» a que não quer chamar museu, terá sido inaugurada em 7 de Julho último. Isso se verifica na mesma nação voltairiana que substituiu, no Campo de Marte, o culto tradicional católico (e huguenote) pelo racional da deusa Razão...

Talvez Voltaire sem querer saudasse Deus por forma indirecta: aquele Deus cuja existência não se atreveu a negar, porém submetendo essa débil crença a uma espécie de «antropomorfismo divino», isto é, vendo o deus que imaginava com as qualidades da fragilidade humana, que não poderia ou não quereria assim ocupar-se, no meio dos infindos Universos, de tão mesquinhos seres, que o nosso Épico designou como «um bicho da terra tão pequeno».

O terramoto de Lisboa, que ocorreu no seu tempo, deu-lhe ensejo de usar argumentos de muitas e levianas conclusões, que cristãos, judeus ou islamitas contestarão facilmente. Ainda estamos bem longe de saber com segurança que leis regem tufões, vulcões, terramotos, maremotos e outros cataclismos, porque mais fácil será ir buscar termos ao grego e ao latim para designar os fenómenos intempestivos do que lhes dar explicação clara e defesa perfeita. Concluindo: vivemos em um mundo relativo, nós mesmos como seres relativos, coitados de nós! Decerto há um Absoluto que pauta e condiciona as vidas, corrige os erros (*cedo* ou *tarde*... em nosso fraquinho juízo) e dá justo prémio aos acertos, que terão continuidade, enquanto aos erros se lhes marca o fim.

Gostaria de «aliviar» a seriedade dos assuntos que levemente abordei, lembrando um facto a que assisti, pois sou dessa época, e bem o recordo: No tempo da Monarquia fechavam-se os ofícios com esta frase já sacramental: «Deus guarde a V. Ex.ª». Veio a 1.ª República e, claro, tinha de ser mudada a fórmula, e foi-o para boas palavras: «Saúde e fraternidade». O que se esquece é que a amizade entre irmãos, ou fraternidade, suben-

Continua na pág. 6

ANTIGOS ESCOTEIROS

1950

Cerimónia do Dia da Restauração

Na manhã do dia 1.º de Dezembro, um grupo de antigos escoteiros reuniu-se na Praça dos Restauradores, junto do monumento da Restauração, para aí colocar um ramo de flores, assinalando a histórica data.

A cerimónia foi simultânea com a promovida pela Sociedade Histórica da Independência de Portugal e pelo Grupo dos Amigos de Olivença, tendo sido escutada uma alocução a propósito do acontecimento. A banda da P. S. P. tocou algumas marchas militares, terminando a sua actuação com a execução dos hinos da Restauração e Nacional, tendo sido muito aplaudida.

Estiveram presentes os srs. Dr. Eugénio Henrique Ramos e Dr. Fausto Salazar Leite, respectivamente presidentes da Fraternal dos Antigos Escoteiros e da Associação dos Escoteiros de Portugal.

Lição oportuna

Durante a revolução americana, o cabo de um pequeno pelotão dava ordens aos seus soldados, quando estes tentavam levantar uma viga de madeira até o cimo do edifício que consertavam. A viga subia com muita dificuldade e, por isso, ouvia-se constantemente a voz do cabo, que gritava:

— Força! Vamos embora! Para cima!

Porém, um cavalheiro que por ali passava, parou a ver os trabalhos e, por fim, virando-se para o cabo, perguntou-lhe:

— Mas por que é que o senhor não faz também força?

— Então não vê que sou um cabo? Isso não é trabalho para mim — respondeu o militar.

— Ah! é um cabo! — retorquiu o cavalheiro. — Não sabia.

E tirando o chapéu e curvando-se:

— Desculpe-me, sr. cabo.

E foi ele próprio ajudar os soldados no seu trabalho.

Quando o suor já lhe escorria pela testa, a viga acabou por ser colocada no sítio a que se destinava. O cavalheiro, voltando-se para o cabo, e antes de se retirar, disse-lhe:

— Sr. cabo, quando tiver outro trabalho igual e os seus homens forem insuficientes, mande chamar o seu comandante em chefe, que eu voltarei a ajudá-lo...

O cabo ficou estarrecido: era o próprio Jorge Washington que lhe falava!

(Adapt. de «*O Semeador*»)

Se o génio impõe sempre a admiração, o carácter inspira mais seguramente o respeito. O primeiro é sobretudo o produto do poder cerebral, o segundo do poder do coração, e é o coração que acaba por governar na vida. Os grandes são como que a inteligência da sociedade e os homens de carácter como que a sua consciência. Admiram-se aqueles, imitam-se estes.

SMILES



O 62.º Aniversário do Grupo N.º 2

No passado dia 1 de Dezembro, esta unidade dos Escoteiros de Portugal comemorou os 62 anos de actividade com uma sessão, realizada na sede, presidida pelo sr. dr. Fausto Salazar Leite, presidente da AEP, ladeado pelos srs. Xavier de Brito, antigo escoteiro e fundador do Grupo, Padre António, conselheiro espiritual do Grupo, Madeira Leitão, chefe do Grupo, Armando Inácio, representante de «Sempre Pronto», e ainda um representante dos pais dos escoteiros.

Presentes ainda numerosos rapazes das diversas secções do Grupo e familiares.

Iniciou a sessão o chefe do Grupo que, depois de agradecer as presenças, analisou sucintamente o trabalho realizado durante o último ano de actividade.

Seguidamente homenageou-se a memória de B.-P. e de Melo Machado com o descerramento de dois bustos, magnificamente executados pelo antigo escoteiro António Bragança, que, sendo um simples curioso na arte de modelar, apresentou trabalho de qualidade.

Aquele antigo escoteiro leu aos escoteiros uma mensagem, em que lhes pedia perseverança e continuidade no trabalho.

Xavier de Brito não quis deixar de fazer sentir a sua presença e, através da voz do chefe do Grupo, dirigiu um chamamento aos escoteiros presentes para os ideais escotistas que o nosso movimento encerra.

Após as alocuções, procedeu-se à cerimónia do compromisso de honra dos primeiros escoteiros mongolóides, da 10.ª secção do Grupo em festa, que devem a sua formação à iniciativa da sr.ª Dr.ª Alice Tavares que, por motivo de saúde, não pôde estar presente.

Em acto muito simples, como se requer para tais rapazes do ramo de extensão escotista, prestaram a sua promessa os escoteiros Manuel João, Carlos Alberto, João Manuel e Araújo Pereira.

Foram depois distribuídas medalhas comemorativas do 60.º aniversário a todos os escoteiros que participaram no acampamento em Inglaterra, as quais também foram oferecidas ao Presidente da Associação, aos dirigentes do Grupo e ao representante do nosso jornal.

Terminada a parte solene, procedeu-se à projecção de diapositivos e de um filme executado no acampamento em Inglaterra, actividade que o Padre António historiou com muita graça, destacando a camaradagem excelente de todos os escoteiros e escoteiras participantes naquele pequeno acampamento internacional.

Finalizando a sessão, o chefe do Grupo convidou o Presidente da AEP a inaugurar a Sala dos Fundadores, compartimento da sede, vistosamente decorado, onde foram colocados os bustos de B.-P. e de Melo Machado.

A. I.

Assaltada a sede do Grupo n.º 2

No passado dia 26 de Novembro jovens delinquentes assaltaram a sede deste Grupo levando um pequeno cofre que continha cerca de doze mil escudos e alguns objectos de utilidade.

Segundo informação da chefia, já foram detidos os autores do assalto.

DE ALGÉS

Grupo n.º 14

Da Igreja Evangélica Presbiteriana de Algés, congregação onde foi formado e funcionou durante anos esta unidade escotista, acabamos de receber um ofício em que nos é comunicado que a assembleia da Igreja manifestou o seu pesar por, na notícia que publicámos no número de Janeiro último acerca da inauguração da sede deste Grupo, *não se ter feito a menor referência às origens do Grupo n.º 14 e a méritos que lhe foram reconhecidos durante esse tempo.*

Embora, no nosso entender, seja despropositada e intempestiva esta observação, com esta notícia fica feita a desejada referência.



Quénia

A «Associação de Rapazes Escoteiros do Quénia» suprimiu a palavra «rapazes» da sua denominação e chama-se agora «Associação de Escoteiros do Quénia».

Peru

Uma floresta de quatro hectares, nos arredores de Lima, estava em vias de definhar por falta de água e de cuidados apropriados. Um jornal da cidade atraiu a atenção do público, apresentando na primeira página, uma fotografia das árvores, acompanhada da legenda «*Estamos a morrer, ajudem-nos!*». Os escoteiros reagiram imediatamente: com o acordo das autoridades municipais, limparam a floresta, cortaram as partes mortas, fizeram cercas para impedir a erosão e plantaram novas árvores. A imprensa, a rádio e a televisão felicitaram calorosamente os escoteiros por esta campanha de protecção à natureza.

Salvador

A Comissão Nacional das Estradas organizou uma série de reuniões de orientação profissional, realizadas ao domingo, durante 11 semanas. Alguns especialistas fornecem numerosas informações relativas às diversas carreiras oferecidas aos escoteiros e estradistas. Os jovens que não fazem parte do Movimento são igualmente bem-vindos.

Suíça

O Centro Alpino Escotista de Kandersteg planeia um programa completo de «Jambori para todos» para os milhares de escoteiros que se dirigirão a Kandersteg no Verão de 1975. Não somente durante o «Nordjamb 75», que decorrerá de 29 de Julho a 7 de Agosto, mas durante todo o Verão, os escoteiros participarão em manifestações de carácter relacionado com o Jambori.

Ilhas Tokelau

As ilhas Tokelau, dependentes da Nova Zelândia, consistem em três atóis situados a cerca de 450 km de Samoa Ocidental. Se bem que ligadas à metrópole por rádio, o único contacto directo com o mundo é um navio que faz escala quatro vezes por ano. Quando, em 1972, foi mandado um instrutor para as ilhas, não havia senão um pequeno número de actividades para os rapazes, e foi ele que organizou um grupo de escoteiros. Um nativo das ilhas foi enviado à Nova Zelândia para seguir um curso de formação. Entre as actividades recreativas recentemente levadas a cabo, mencionamos uma caça ao «caranguejo das palmeiras». Seguiu-se uma festa para celebrar a captura de 88 destes crustáceos.

Estados Unidos

Em seguimento do programa de desenvolvimento dos escoteiros norte-americanos, a «Fundação Nacional para a Economia» distribuiu um milhão de brochuras de promoção para o escotismo por intermédio dos 5000 bancos membros da Fundação.

Alto-Volta

Para fazer face à seca existente no Sahel, os escoteiros empreenderam diversas campanhas de socorros. Por exemplo, os escoteiros de Tyonkuy limpam os poços, regam as árvores e tomam as precauções necessárias para evitar os fogos no mato; os de Ouagadougou lançaram a operação «tapete verde» destinada a arborizar a aldeia de Zaghtouli durante os próximos quatro anos. Em Touma, os escoteiros abriram dois poços e os escoteiros de Denhoro reúnem-se duas vezes por semana para estudar o «comportamento» do rio Inades e para aprender a dominá-lo.

Traduzido por *Maria Edite Domingos Filipe.*

POR VIA DA CRISE

pelo DR. F. DE MEIRA RAMOS

O sr. Tarcílio, que também se assinou «Rodrigues (profissional de escritório) ex-Secretário Regional de Lisboa do C. N. E.», resolveu, aparentemente por sua alta recreação, meter-se comigo por causa do artigo sobre CRISE que publiquei no número de Agosto deste «Sempre Pronto».

E, com a esperteza peculiar dos que o dicionário regista como «habitantes ou residentes nos arredores de Lisboa», tenta impedir-me de lhe responder, afirmando no princípio do arrazoado que o «Sempre Pronto» lhe publicou no número anterior, que «não nos (a ele) interessa estabelecer um despique tão ao gosto de alguma imprensa provinciana» e terminando por dizer que quanto a mim «não duvidamos de que não seremos compreendidos».

Enganou-se, porém, o sr. Tarcílio. Não é por dizer que o «despique» é «gosto de alguma imprensa provinciana» (nunca tive complexos por não viver em Lisboa, pois também não habito nos seus arredores), não é pois, por isso que deixo de lhe dar uma endireitadela no bico da sua pena. Também nada me custaria demonstrar-lhe que bem o compreendi. As tolices também se compreendem.

A minha recusa a uma réplica formal é somente para não ocupar o precioso espaço de o «Sempre Pronto» e para não maçar os leitores que, comparando o meu com o seu texto, bem julgarão que o sr. Tarcílio fazia melhor se estivesse quieto.

Mas nem por isso posso deixar de lhe dar resposta às interrogações que me formulou:

«1.ª — Porque não referiu as resoluções finais do Conselho Nacional e muito concretamente a nomeação de uma Comissão Executiva e do seu programa?

Será porque deste programa sairá a necessária reestruturação, dando-se audiência a todos os Dirigentes da Associação?

2.ª — Se fosse ainda Chefe Regional do Porto do C. N. E., teria a iniciativa de pôr o seu cargo em votação, como foi feito agora, em Lisboa?»

Aqui tem as respostas:

1.ª — As resoluções finais do atribulado Conselho Nacional são uma consequência ou resultado da crise a que me referi e que pelos vistas infelizmente ainda não está debelada, até porque no domingo, dia 10 de Novembro, foram para Coimbra reunir-se alguns Chefes Regionais. Suponho que o «Sempre Pronto» estaria disposto a publicar essas resoluções, como as da recente reunião em Coimbra, se alguém responsável do C. N. E. lhas mandasse. Aliás, no próprio número de Agosto em que foi publicado o meu artigo sobre a crise, veio noticiada a páginas 6, com o devido destaque, a nomeação de uma Comissão Executiva (embora sem se dizer, mas pressupondo-se, em desacordo com os Estatutos). Ainda que o programa seja destinado a debelar a crise e idóneo para tal, a sua publicação seria mais uma prova da existência da crise, pelo que nada significa a sua não publicação, nem se justifica a tentativa do sr. Tarcílio de negar a crise e de me atribuir «ignorância ou malícia».

2.ª — Não. Nem por minha iniciativa, nem por sugestão de quem quer que fosse, poria o cargo em votação. Tendo aceite com toda a liberdade a nomeação que livremente foi feita, permaneceria no cargo enquanto dele não fosse exonerado pela entidade que tem o poder de nomear, só a ela reconhecendo esse poder estatutário, regulamentar e moral. O Chefe Regional, segundo o Estatuto e o Regulamento (e nas outras associações, mesmo de outros países) é um «comissário» do Chefe Nacional, de modo que a sua pergunta nem sequer devia ter sido feita e é mais uma triste amostra das causas da crise. O funcionamento de qualquer associação à margem do Estatuto implica a sua dissolução, quer de facto, quer de direito.

Dadas as respostas, devia ficar-me por aqui. Mas o sr. Tarcílio termina o seu arrazoado conforme passo a transcrever.

«Concluindo:

Rectificando ideias incorrectas a respeito daquilo que escrevemos, esperamos ter ajudado os leitores do «Sempre Pronto» a formar um juízo mais perfeito.

Quanto ao Dr. F. de Meira Ramos, quando «apenas são dignas de respeito as opiniões dos sacerdotes e dos advogados», não duvidamos de que não seremos compreendidos».

O sr. Tarcílio aqui é mauzinho e excede afinal aquela «esperteza» a que me referi. Quem o ler, há-de pensar que é minha a frase entre aspas «apenas são dignas de respeito as opiniões dos sacerdotes e dos advogados».

O sr. Tarcílio, assim, faz lembrar o outro que cantou de galo a tempo...

Não há dúvida que no final do seu escrito «ajuda os leitores de «Sempre Pronto» a formar um juízo mais perfeito» a seu respeito.

NOTA — A crise é um facto e mais grave do que era de supor. Pela Ordem de Serviço Regional n.º 39 e pela Circular n.º 248, ambas datadas de 1-XI-74, vê-se que a Junta Regional de Lisboa dita do C. N. E. passou a «legislar», com toda a independência e autonomia, sobre matéria que não é nem pode ser das suas atribuições, mas que pertence aos órgãos representativos da associação ou de uma associação, usando até o termo «escuteiro» em vez de «escuta».

EM MOURA

O Grupo N.º 28 dos Escoteiros de Portugal promove um concurso fotográfico

Este novel grupo está a promover um concurso fotográfico para o qual convida todos os seus camaradas escoteiros. As fotografias podem ser a preto e branco ou a cores, o tema é livre, bem como o número de exemplares a concorrer, e o prazo da entrega termina em 31 de Janeiro do próximo ano.

As participações devem ser remetidas para aquela simpática vila alentejana, dirigidas ao Grupo, Rua das Forças Armadas, 1.

Os Escoteiros de Portugal devem apoiar esta nova unidade, cooperando intensamente nesta iniciativa. Prepare-se o estimado Leitor para participar.

DE ANGOLA

O Grupo N.º 39 (AEP) de Benguela publicou mais um número de «O Grito»

Os Escoteiros de Portugal de Benguela continuam activos, embora não tenham dado à nossa Redacção notícias das suas actividades, o que muito lamentamos.

«O Grito», seu órgão oficial, acaba de publicar o terceiro número deste ano, o que demonstra o entusiasmo que reina nas fileiras. Apresenta-se com capas impressas e quinze páginas copiografadas, cheias de interesse e de ideias.

Numa das capas diz-se: *Este jornaleco voltou a ser publicado...* Desculpem-nos os nossos camaradas do «39» mas não concordamos com a designação de «jornaleco». Podem designá-lo por jornalzinho, se quiserem, mas nunca jornaleco. De resto, os jornais são como os homens, *não se medem aos palmos.*

VOLTAIRE E DEUS

Continuação na pág. 4

tende a existência dum Pai comum... Veio o Estado Novo, que aboliu a «Saúde e fraternidade», resumindo tudo «A bem da Nação». De facto os ilustres professores de Medicina não foram ouvidos, com seus programas de saúde... Até que o chefe, vencido por mal inexorável, caiu nas suas mãos. Com o fecho que decretara parecia que o regime paternalista não olhava a filhos e dispensava irmãos.

Ora sucede que certo sacerdote teve a genial lembrança de fechar um ofício desta maneira bizarra e ecléctica: «Deus guarde a V. Ex.ª com saúde e fraternidade, a bem da Nação». Isto é nota joco-séria, mas tem miolo. Porém, agora a sério, sem o jocoso: O Escoteiro crê em Deus. É bom, mas não basta. É necessário sentir o desejo de saudá-Lo, humanamente, como Ele divinamente nos saúda a nós, e de buscarmos a maneira alegre e vivaz de manifestarmos a nossa gratidão por Ele, e de não violar a liberdade condicionada às nossas possibilidades com que nos criou. Diz o Dr. A. Tozer que «se dermos nove passos para Ele, dará Ele o décimo».

Quando falaram ao famoso evangelista Billy Graham acerca do movimento pseudoteológico do «Deus morto» ele replicou: «Morto?! Como pode ser isso, se ainda esta manhã falei com Ele?»

EDUARDO MOREIRA

OS BRINQUEDOS DE GUERRA

Continuação da pág. 3

ainda eram lembrados com horror. Pedro Álvares Cabral, quando chegou a Calicute após o descobrimento do Brasil, para castigar a perfídia do Samorim, bombardeou durante horas essa cidade aberta, que ficou quase completamente arrasada, proezas que, ainda assim, apesar de todo o seu horror, ficaram muito aquém das dos conquistadores espanhóis do Novo Mundo, contra cujos desmandos já se levantava no século XVI a voz eloquente desse nobre Fr. Bartolomé de las Casas.

No coração do Homem parece não haver lugar para ódio mais fundo do que o que nutre pelo próprio homem. Mas só no coração humano é esse ódio *consciente:* há que extirpá-lo dali e só a educação, uma sã educação moral ministrada por mestres idóneos e conscientes o pode arrancar. Quando isso um dia for possível, então, sim, meus amigos, de todos os cantos da Terra subirão hossanas vibrantes aos céus porque, finalmente, o Homem se terá vencido a si mesmo e elevado.

Sim, procure-se retirar de diante dos olhos das crianças todos aqueles objectos que, de perto ou de longe, lembrem a guerra. Mas, antes de tudo o mais, procure-se reformar totalmente a nossa educação, dela banindo tudo o que contribua para valorizar aos olhos dos jovens actos e factos estruturalmente anti-humanos. Sem isso, não será possível o objectivo a que visam todos os que anseiam por ver o fim de todas as guerras. Recordemos, ao terminar, o pungente drama de consciência do sábio Einstein, ao ver que dos seus cálculos havia inesperadamente surgido o mais terrível de quantos engenhos de morte a mente dos homens criou: a Bomba Atómica.

Inicie o *Sempre Pronto*, vozinha apagada mas nem por isso menos vibrante, uma campanha contra o espírito belicista, apelando para os seus colaboradores mais dedicados, e, através da Secretaria Internacional, leve o seu apelo a todos os jornais escotistas do Mundo inteiro, e eu tenho a certeza de que o apelo profundamente sentido da Juventude de todas as cores e de todas as raças virá a constituir a semente que germinará e virá a dar o fruto que nossos olhos não chegarão a ver.

Abraça-vos com afecto o vosso camarada.

Sempre Pronto

O VELHO LOBO NEGRO DO NORTE

E. C. D.

N A T A L

Continuação da pág. 1

pode ser contido nas acanhadas proporções da estatura humana. É o momento da clarividência, em que o seu caminho se ilumina e se pode projectar no futuro.

O Natal, porque nos fala de um Homem que veio, não para ser servido, mas para servir, é necessariamente um desses momentos apropriados para dar balanço aos resultados duma jornada, colocando-nos em perspectiva tal que nos permite ver os problemas sob o prisma não do meramente pessoal, mas relacionado com a sociedade de que fazemos parte.

O Natal é, assim, uma razão de esperança para o mundo. E esperança maior ainda se pensarmos que Deus, fazendo vir o Seu Filho para a grande obra de redenção, nos constrange a compreender que essa doação de forma alguma pode ser vã, assim como não será vã, portanto, a confiança nos superiores destinos da Humanidade.

São estes os benfazejos pensamentos que desejamos perdurem no espírito de quantos nos leiam, que perdurem não apenas nesta quadra festiva, mas durante as nossas ocupações de todo o ano e em todas as circunstâncias das nossas vidas.

Quando me perguntam: *por que é um homem de esperança, apesar da crise presente?* eu respondo: Porque creio que Deus surge de novo em cada manhã. Porque creio que Ele cria um mundo em cada instante. Ele não o criou num passado longínquo e desde então perdido.

Esta é a nossa hora, é preciso que estejamos sempre prontos para receber Deus que surge inesperadamente.

CARDEAL SUENNENS



HÁ 20 ANOS "SEMPRE PRONTO" PUBLICAVA:

A criança não esquece

A criança não esquece e lega ao adolescente, como este ao homem maduro, tudo quanto fortemente o comoveu nos dias da sua meninice. Por isso mesmo, um poeta árabe lançou a célebre definição, hoje incorporada no património comum das frases feitas: *O menino é o pai do homem.*

(...) A psicanálise prova que as repercussões futuras, na vida mental de um ser humano, de tudo quanto fortemente o impressionou na infância, determinam o seu procedimento e modelam a sua personalidade. Não se deve deprimi-la, mas exaltá-la, ou, quando menos, tentar por meios de investigações pacientes. Se o filho só obtém notas baixas, deve haver causa: Falta de alimentação suficiente? Depressão nervosa provocada por alguma enfermidade não identificada? Más companhias, isto é, convívio de jovens de personalidade já formada influindo naquela, cuja personalidade está em vias de formação? Há um sem número de causas, mas os pais têm medo de investigá-las, ou jamais chegariam a entender o complicado mecanismo da vida psíquica da criança.

(...) A sensabilidade infantil é muito mais aguda do que a sensibilidade adulta. Esta já se acha embotada pela luta pela vida. E o conflito entre ambas resulta precisamente dessa diferença. Os adultos tratam a criança segundo as suas próprias disposições adultas. Um erro monstruoso, do qual se conclui que precisamos educar os pais, se quisermos salvar os filhos.

Galeão Coutinho

O XXX Aniversário de «Sempre Pronto»

Continuação da pág. 1

Os trabalhos levados a efeito serão trazidos ao conhecimento de «SEMPRE PRONTO» através de relatórios, quanto possível circunstanciados. Um júri, constituído por elementos estranhos a este jornal, apreciará as iniciativas levadas a efeito, bem como os relatórios.

Vai ser estudada a atribuição de prémios às patrulhas que apresentem trabalhos de bom nível.

«SEMPRE PRONTO» agradece a cooperação do maior número de grupos neste empreendimento, a fim de que se atinja uma expansão tal que nos anime a prosseguir na realização deste género de iniciativas.

As dúvidas que se suscitarem serão estudadas e esclarecidas, logo que nos forem expostas.

Mãos à obra e BOA CAÇA!

Um conhecido de Platão informou-o de que os seus inimigos inventavam e propalavam muitas histórias escandalosas a respeito dele. Perguntou-lhe como é que pretendia responder a tais calúnias.

Resposta do filósofo:

— Fazendo o possível por viver de maneira tal que ninguém as acredite.

As Velhas Histórias do Grupo 1

Todos nós as temos escutado. São episódios de um outro escotismo, como talvez hoje já não seja possível realizar. Um grupo de escoteiros a valer, projectado numa actividade franca, com todos os seus escoteiros nos seus postos a darem o máximo rendimento. O tempo passou, mas os seus escoteiros continuam a ser protagonistas de episódios de um saber muito especial, recriando, com frequência e nos diversos lugares por onde se dispersaram, o espírito que nessa histórica unidade escotista estava suspenso na sua atmosfera. Contemos uma dessas histórias verdadeiras:

Foi há poucos anos — precisamente em 7 de Junho de 1972. Um homem, já curtido pelos anos, vai visitar um amigo, internado no Montepio da Rainha D. Leonor, nas Caldas da Rainha. Ao sair, vê num dos corredores do hospital um médico, que envergava a tradicional bata branca, acompanhado duma enfermeira...

Já na recepção, o visitante é surpreendido por um nome em letras luminosas no quadro eléctrico ali existente: — DR. ERNESTO MOREIRA, por sinal o único clínico que, na altura, ali estava a prestar serviço.

O visitante já não sai e procura aquele médico. E eis como ele próprio descreve o encontro: «Daí a minutos, vejo-o dirigir-se ao seu gabinete. Aproximei-me quando ia a entrar e, pedindo-lhe desculpa, digo-lhe que ia cumprimentá-lo apesar de ele não me conhecer. Identifiquei-me, mostrando-lhe o meu velho cartão de escoteiro. E não te digo. Mandou-me entrar, fechou a porta, mandou-me sentar e estivemos conversando perto de meia hora. Depois de ter ido ver uma doente, levou-me a visitar todas as dependências do edifício, o que me deixou encantado e gostei muito de ver. Devo dizer-te que o Dr. Ernesto Moreira é o director clínico desta instituição. É pessoa muito estimada nas Caldas. Enfim, foi para mim um dia de muito prazer.»

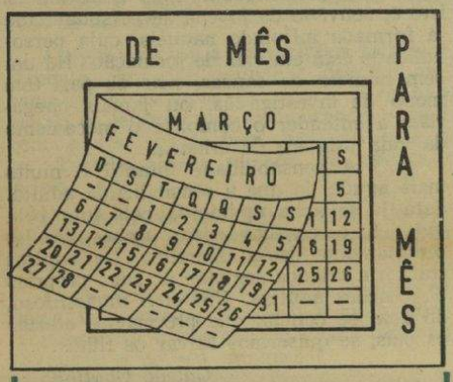
Eis as palavras, tocantes de sinceridade e admiração, que um antigo escoteiro do Grupo 1, Henrique de Oliveira Marques, dirige a um seu companheiro de então, o nosso estimado amigo Albano da Silva, dedicado secretário-geral da AEP, a respeito doutra figura de que também o Um se orgulha, o Dr. Ernesto Moreira, filho do nosso querido colaborador Rev. Eduardo Moreira.

Palavras simples e espontâneas que, portanto, dispensam qualquer comentário.

O XVII Jambori no Ar

Por absoluta falta de espaço e contrariamente aos nossos desejos, não nos é possível incluir neste número noticiário acerca desta importante actividade escotista, o que faremos no próximo mês.

Em sociedade, vigia cuidadosamente a tua língua; na solidão, os teus pensamentos.



SERVIR!



O trabalho do recenseamento geral dos eleitores é tarefa exaustiva, demais realizada num curto espaço de tempo. Mas é também serviço de excepcional interesse cívico. Andou por isso muito bem o Escoteiro-Chefe-Geral dos Escoteiros de Portugal quando, com toda a oportunidade, sugeriu às unidades escoteiras que oferecessem os seus serviços às Juntas de Freguesia para colaborar nas operações do recenseamento.

O Escoteiro-Chefe-Geral é realmente o Guia da grande patrulha que é o Movimento Escoteiro e, portanto, cumpre-lhe apontar o caminho certo e assim fez. Agiram bem os Grupos de Escoteiros que seguiram a pista e prestaram valiosos serviços à comunidade, cooperando na tarefa do recenseamento eleitoral. Assim é Escotismo?

SEMPRE PRONTO

ASSINANTES PATROCINADORES

Muitos amigos, que subscreviam a antiga assinatura de patrocínio, estão agora a remeter-nos gentilmente a assinatura actualizada, mínimo de Esc. 100$00. Assim, recebemos as seguintes:

Srs. Sebastião G. Silva (EUA), Amílcar Fernandes e José E. Pena Ribeiro, e A. E. P., António Francisco Xavier de Brito, Joaquim Correia Soares Raposo, Manuel Lopes Peixoto, Prof. Dr. João Faria Lapa, de Lisboa, e Vítor Ferreira, de Carcavelos.

A todos agradecemos

COBRANÇA DE ASSINATURAS

No início do próximo ano, vence-se grande número de assinaturas de «Sempre Pronto». Os nossos estimados assinantes, que quiserem colaborar com os serviços de administração remetendo o valor de suas assinaturas, prestar-nos-ão relevante serviço. Os respectivas importâncias podem ser enviadas em vale de correio, cheque bancário ou selos postais de 1$50 (somente desta taxa).

SEMPRE PRONTO — Propriedade do Círculo Fraternal de Cooperação Escotista

Director, Editor e Administrador — EDUARDO RIBEIRO
Director-Adjunto — JOEL RIBEIRO

Equipa de Redacção:
MARIANO GARCIA
ARMANDO INÁCIO

Equipa de Administração:
CAPITOLINO FERREIRA MACEDO
ERNESTO CLÍMACO DO NASCIMENTO
LUÍS GARCIA

Número avulso: 5$00 — Assinatura anual: 60$00